

COMPREENDER OS ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA DENGUE DOS ÚLTIMOS 5 ANOS EM ANÁPOLIS

Gabrielle Araujo Debastiani¹
Amanda Estéphane da Costa Pinto²
Laila Luiza da Silva³
Nathália da Mata Cardoso⁴
Larisse Dalla Libera⁵
Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA¹²³⁴⁵

RESUMO

Introdução: A dengue é uma arbovirose transmitida pelo *Aedes aegypti* e um dos maiores desafios de saúde pública no Brasil. A região Centro-Oeste apresenta alta incidência, com destaque para Anápolis-GO, que concentrou percentual expressivo dos casos estaduais. Compreender seu perfil epidemiológico é essencial para prevenção e políticas públicas eficazes. **Metodologia:** Estudo observacional ecológico, com dados de dengue notificados em Anápolis entre 2019 e 2024, obtidos do SINAN. Incluíram-se todos os casos, exceto registros duplicados ou incompletos. Realizou-se também revisão integrativa em bases nacionais e internacionais (2020–2025), para discutir os resultados. Os dados foram tabulados e analisados estatisticamente. **Resultados:** Entre 2020 e 2024, Goiás confirmou 216.385 casos, dos quais 94.415 (43,6%) em Anápolis. O pico ocorreu em 2024 (45.422 casos) e o menor registro em 2021 (4.075). Adultos de 20 a 44 anos foram os mais acometidos (45,2%), com predominância feminina (54,8%). Febre, cefaleia e mialgia foram os sintomas mais comuns, enquanto vômitos e dor retro-orbital apareceram em menor frequência, associados a formas graves. Bairros como Jaiara e Jardim Alexandrina concentraram maior número de casos. Esses dados corroboram com a investigação da literatura realizada. **Conclusão:** Anápolis concentrou mais de 40% dos casos de dengue do estado, afetando principalmente a população economicamente ativa. Os resultados reforçam a necessidade de vigilância contínua, notificações padronizadas e intervenções direcionadas às áreas e grupos mais vulneráveis.

Palavras-chave: dengue; arboviroses; vírus.

INTRODUÇÃO

A dengue é uma arbovirose causada pelo vírus da dengue (DENV), pertencente ao gênero *Flavivirus* e transmitida principalmente pelo *Aedes aegypti*. Atualmente, é considerada uma das doenças tropicais de maior impacto mundial, com risco para mais de quatro bilhões de pessoas em regiões endêmicas¹. O DENV apresenta quatro sorotipos distintos (DENV-1 a DENV-4), capazes de desencadear respostas imunológicas variadas e influenciar a gravidade clínica da doença^{2,3}.

No Brasil, a dengue representa um desafio persistente de saúde pública. Em 2023, o coeficiente de incidência nacional alcançou 753,9 casos/100 mil habitantes, chegando em 935,9/100 mil na região Centro-Oeste⁴. No estado de Goiás, observou-se um aumento expressivo entre 2023 e 2024, com crescimento superior a 300% no número de casos confirmados. Anápolis se destacou nesse cenário, concentrando cerca de 9% das notificações estaduais no período^{5,6,7}. Clinicamente, apresenta febre

súbita, cefaleia, dor retro-orbitária, mialgia e artralgia, podendo evoluir para formas graves com extravasamento plasmático e choque^{8,9}. Necessitando de monitoramento rigoroso para evitar complicações¹⁰.

Diante desse panorama, torna-se essencial compreender os aspectos epidemiológicos da dengue em Anápolis nos últimos cinco anos, a fim de subsidiar estratégias de prevenção, manejo clínico e políticas públicas mais eficazes.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional ecológico, com análise de dados epidemiológicos da dengue em Anápolis(GO) entre 2019 e 2024, obtidos da Secretaria Municipal de Saúde e do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN). Foram coletadas variáveis sociodemográficas e clínico-epidemiológicas. Foram incluídos todos os casos notificados, excluindo-se registros duplicados ou incompletos.

Complementarmente, foi realizada revisão integrativa nas bases PubMed, SciELO e BVS, considerando estudos publicados entre 2020 e 2025, com descritores “dengue”, “arboviroses”, “vírus”. Os dados foram tabulados no Excel 2020 e analisados no SPSS 27, com apresentação de frequências, médias, desvios padrão, correlações e testes Qui-Quadrado ($p < 0,05$ quando aplicável). A análise visou compreender a distribuição temporal, demográfica e clínica da dengue em Anápolis. Por se tratar de dados públicos não foi necessária aprovação pelo Comitê de Ética (Resolução nº 510/2016).

RESULTADOS

Entre 2020 e 2024, foram confirmados 216.385 casos de dengue no estado de Goiás, sendo 94.415 (43,6%) em Anápolis, evidenciando a cidade como um dos principais focos da doença. O ano de 2024 apresentou o maior número de notificações (45.422 casos), enquanto 2021 teve o menor registro (4.075 casos). A maior incidência foi em adultos de 20 a 44 anos (45,2%), seguida por 45 a 59 anos (19,0%). O gênero feminino foi mais acometido (54,8%), mantendo padrão semelhante nos cinco anos analisados (Tabela1).

Os resultados de Anápolis, responsável por 43,63% dos casos confirmados no período estudado, com explosão de notificações em 2024, ecoam com outros estados que também obtiveram forte concentração nas primeiras semanas de 2024¹¹. Além disso, a predominância entre mulheres e adultos de 20 a 44 anos observada em Anápolis foi notada também por uma análise epidemiológica no sudeste brasileiro que afirma estar relacionada a maior busca por atendimento e a exposição domiciliar e ocupacional como possíveis fatores de risco¹².

Tabela 1. Casos de dengue por sexo e faixa etária

	2020	2021	2022	2023	2024	Total
Sexo						
Feminino	3.716	1.998	15.173	5.712	25.203	51.802
Masculino	3.382	2.076	11.862	5.063	20.218	42.601
Indefinido	1	1	9	0	1	12
Faixa etária						
0 a 5	31	315	787	712	1.406	3.251
6 a 12	247	704	2.076	960	3.388	7.375
13 a 19	382	515	2.387	1.063	5.108	9.455
20 a 44	3.472	1.381	12.697	5.530	19.585	42.665
45 a 59	1.699	677	5.112	1.606	8.824	17.918
60 ou mais	1.265	482	3.978	903	7.108	13.736
Inválidos	3	1	7	1	3	15
Total	7.099	4.075	27.044	10.775	45.422	94.415

Fonte: Próprio autor

Quanto aos sinais e sintomas, febre, cefaleia e mialgia foram os mais frequentes durante todo o período, totalizando 85.932, 77.656 e 77.243 casos, respectivamente (Tabela 2). Sintomas condizentes com o estudo retrospectivo e transversal que analisou 5.679 fichas e os sintomas condizem com o resultado obtido nesta pesquisa¹³.

Tabela 2. Sintomas associados ao quadro da dengue

	2020	2021	2022	2023	2024	Total
Febre						
Sim	6.674	3.729	24.467	9.108	41.954	85.932
Não	425	346	2.577	1.667	3.467	8.482
Mialgia						
Sim	5.999	2.469	21.207	7.644	39.924	77.243
Não	1.100	1.606	5.837	3.131	5.497	17.171
Cefaleia						
Sim	5.833	2.722	21.420	7.900	39.781	77.656
Não	1.266	1.353	5.624	2.875	5.640	16.758
Exantema						
Sim	1.085	478	2.479	716	4.448	9.206
Não	6.014	3.597	24.565	10.059	40.973	85.208
Vômito						
Sim	1.994	1.776	9.547	4.341	17.414	35.072

Não	5.105	2.299	17.497	6.434	28.007	59.342
Dor nas costas						
Sim	3.295	1.214	14.316	3.926	22.538	45.289
Não	3.804	2.861	12.728	6.849	22.883	49.125
Artralgia						
Sim	2.433	1.135	7.820	3.217	13.499	28.104
Não	4.666	2.940	19.224	7.558	31.922	66.310
Petéquia						
Sim	1.382	599	2.612	538	2.546	7.677
Não	5.717	3.476	24.432	10.237	42.875	86.737
Dor retro orbital						
Sim	3.689	1.418	10.824	4.022	22.792	42.745
Não	3.410	2.657	16.220	6.753	22.629	51.669

Fonte: Próprio autor

A análise geográfica indicou dispersão variável da doença entre bairros de Anápolis. O bairro Jaiara manteve-se consistentemente entre os mais afetados ao longo dos anos, atingindo 1.998 casos em 2024, seguido por Jardim Alexandrina, Setor Central e Maracanã (1.331, 1.208 e 953 respectivamente). Esses dados reforçam a importância de um monitoramento contínuo e georreferenciado dos casos, que permita identificar as áreas de maior risco, planejar ações focalizadas e melhorar a alocação de recursos em saúde pública.

O estudo apresenta limitações relacionadas ao acesso e organização das bases de dados públicas, à falta de padronização nas notificações e à ausência de variáveis clínicas detalhadas, como comorbidades e evolução dos casos. A subnotificação de casos leves, a falta de cruzamento automático com registros laboratoriais e o uso de dados secundários podem comprometer a precisão e atualização das informações.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu compreender o perfil epidemiológico da dengue em Anápolis-GO entre 2020 e 2024, evidenciando que a cidade concentrou mais de 43% dos casos do estado, com pico em 2024. Observou-se maior acometimento em mulheres e em adultos de 20 a 44 anos, mostrando o impacto sobre a população economicamente ativa. Quanto à sintomatologia, febre, cefaleia e mialgia foram os sinais mais frequentes, mantendo o padrão clínico típico da doença.

Apesar de limitações nos dados, a revisão de literatura indica que esses achados destacam a importância de fortalecer a vigilância epidemiológica, melhorar a notificação e ampliar o acesso a informações padronizadas, subsidiando políticas

públicas mais eficazes de prevenção e controle, especialmente em áreas de maior risco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹SIRISENA, Padma U. D. N. N. *et al.* Concurrent dengue infections: Epidemiology & clinical implications. **Indian Journal of Medical Research**, v. 154, n. 5, p. 669-679, 2021.

²PARVEEN, Shakeela *et al.* Dengue hemorrhagic fever: a growing global menace. **Journal of Water and Health**, v. 21, n. 11, p. 1632-1650, 2023.

³PAZ-BAILEY, Gabriela *et al.* Dengue. **Lancet**, v. 403, n. 10427, p. 667-682, 2024.

⁴BRASIL. Ministério da Saúde. Monitoramento das arboviroses urbanas: semanas epidemiológicas 1 a 35 de 2023, Boletim epidemiológico Brasília, v. 54, n. 13, 2023.

⁵GVE/SUVISA/SES-GO. Boletim epidemiológico. Monitoramento dos casos de arboviroses em Goiás da semana epidemiológica 01 a 06 de 2024, Goiás, v. 3, n. 1, 2024. Disponível em: <me%203%2C%20Número%201%2C%20Ano%202024.pdf>. Acesso em: 09 abril. 2025

⁶GVE/SUVISA/SES-GO. Boletim epidemiológico. Monitoramento dos casos de arboviroses em Goiás da semana epidemiológica 01 a 44 de 2023, Goiás, v. 6, n. 6, 2023. Disponível em: <https://goias.gov.br/saude/wp-content/uploads/sites/34/boletins/epidemiologicos/arboviroses/2023/Boletim%20Epidemiologico%20das%20Arboviroses%20-%20volume%206.pdf>.

⁷GOIÁS, Secretaria de Estado de Saúde de Goiás. Arboviroses: dengue, 2024. Disponível em: <https://indicadores.saude.go.gov.br/public/dengue.html>.

⁸JAYARAJAH, Umesh. *et al.* Infecções da Dengue e o Paciente Cirúrgico. **The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 104, n. 1, p. 52-59, 2021.

⁹TAYAL, Anshula; KABRA, Sushil Kumar; LODHA, Rakesh. Management of Dengue: An Updated Review. **Indian Journal of Pediatrics**, v. 90, n. 2, p. 168-177, 2023.

¹⁰WONG, Joshua M. *et al.* Dengue: A Growing Problem With New Interventions. **Pediatrics**, v. 149, n. 6, p. 2021055522, 2022.

¹¹SOUZA, Carlos Dornels Freire de *et al.* Space-time dynamics of the dengue epidemic in Brazil, 2024: an insight for decision making. **BMC infectious diseases**, v. 24, n. 1, p. 1056, 2024.

¹²CUNHA, Gabriel Medeiros da; PADILHA, Deborah de Melo Magalhães. Epidemiologia de dengue no Sudeste brasileiro. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 5, 2024.

¹³GUAZELLI, Giovana *et al.* Dengue: aspectos epidemiológicos e sua associação com sinais e sintomas entre 2021 e 2023, em Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil. **Brazilian Journal of Implantology and Health**, v. 7, n. 1, 2025.